

DANÇA DE SALÃO EM CAMPINA GRANDE: MEMÓRIAS, POLÍTICAS PÚBLICAS E DESDOBRAMENTOS PEDAGÓGICOS

Giordana Leite Pereira

Elaine Melo de Brito Costa

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Grupo de Pesquisa e Extensão Corpo, Educação e Linguagens /CEL

Departamento de Educação Física

cel@ccbs.uepb.edu.br

RESUMO

A dança tem sido objeto de estudo do grupo de Pesquisa e Extensão Corpo, Educação e Linguagens /CEL – DEF/UEPB, compreendendo-a como parte da trajetória do corpo nas suas vivências de lazer, arte, educação, religião, etc. O objetivo deste trabalho foi identificar nomes relevantes que marcaram a trajetória histórica da dança de salão, em Campina Grande-PB, buscando aproximar a importância dos atores sociais na construção de políticas públicas, bem como, apontar desdobramentos pedagógicos para que o conhecimento da dança de salão seja socializado na escola a partir da valorização de personalidades locais. A pesquisa de natureza qualitativa caracterizou-se como Pesquisa Documental, uma vez que, buscou documentos de fonte primária e não-escrita, provenientes de escolas e grupos de dança, ex-dançarinos, no município de Campina Grande-PB. O grupo investigado foi constituído por seis (06) participantes que exerceram e/ou exercem funções no âmbito da dança de salão na cidade de Campina Grande. O estudo identificou nomes importantes como: Euclides Alves, Gisele Sampaio, Mauro Araújo, Nyvea Soares, Rodrigo Araújo, dentre outros. Os momentos da história de vida destes nomes fazem parte da memória da dança de salão no estado da Paraíba que precisam ser reconhecidos diante de suas contribuições para o cenário da cultura local. A memória da dança de salão deve fazer parte do processo educativo, de apropriação do conhecimento na educação básica, especialmente, bem como, do processo de discussão e elaboração de políticas públicas.

Palavras chave: Dança de salão. Memórias. Políticas públicas.

INTRODUÇÃO

A dança tem sido objeto de estudo do grupo de Pesquisa e Extensão Corpo, Educação e Linguagens /CEL – DEF/UEPB, compreendendo-a como parte da trajetória do corpo nas suas vivências de lazer, arte, educação, religião, etc. Ela é um conhecimento produzido historicamente pelo Ser humano, em que seu movimento esteve atrelado ao culto, à natureza, ao casamento, à fertilidade, à diversão, à educação, enfim, à cultura. Dessa diversidade surgiram as chamadas danças circulares, sagradas, danças de corte, de salão, dos negros, dos camponeses, da rua, do palco (COSTA, 2004).

A chamada dança social ou dança de salão surge no renascimento (séculos: final XIV / meados XVI), como forma de lazer, cujo espaço era os salões da nobreza e do povo em geral. A

denominação social deve-se a sua prática por pessoas comuns, em festas e confraternização, propiciando as mais diferentes formas de relações sociais. E a denominação salão por requerer, preferencialmente, salas amplas para as pessoas desenvolverem seus movimentos e ainda porque pela sua prática nos salões das cortes reais europeias (GOMES, 2012).

A dança de salão de hoje, segundo Ried (2003), é o resultado de décadas ou até centenas de anos de evolução, retratando e adaptando-se às necessidades e características típicas de cada sociedade e época desde a Idade Média até o século XXI. (N. C. P. Sousa & S. Caramaschi, 2011) Pg. 621.

A sistematização de uma maneira específica de se dançar a dois, deu origem aquilo que hoje se entende como Dança de Salão, sendo praticada com objetivos claros de socialização e de diversão. O termo ‘salão’ é utilizado pela necessidade de salas grandes para realizar as evoluções das danças e festas de confraternização dançante (PERNA, 2002 apud LOREGIAN, 2011, pg. 14.)

A dança de salão pode ser vivenciada em diferentes perspectivas: artístico-cultural, lúdica, lazer, dentre outras. Seus repertórios podem representar, muitas vezes, experiências já vividas ou novas, graças ao poder criativo estimulado pelo próprio conjunto de movimentos corporais que a dança promove, utilizando seu corpo como meio de comunicação e autoexpressão (Gallahue; Donnelly, 2008).

Maia e Pereira (2014) defendem que o poder criativo deixa os protagonistas da dança de salão em total liberdade de pensamento, de aquisição de novos movimentos dançantes e de modificação de situações que esses mesmos oportunizam e que negar a dança de salão como uma prática educativa é negar a necessidade de ampliar os conteúdos da educação, principalmente no âmbito da Educação Física.

A cultura é um bem de consumo ainda acessível a uma minoria da população brasileira, muito embora se manifeste e se produza em diferentes formas: artes, costumes, literatura, música, etc. A cultura, especificamente as manifestações da dança, em Campina Grande, tem havido um movimento de mantê-la viva, por meio de eventos, a destacar o *Festival de Inverno, Maior São João do Mundo, Caminhos do Frio*, eventos onde a dança tem sempre espaço para ser apreciada e divulgada, e ainda os incentivos municipais e estaduais, como o FUMIC e o FIC.

Essa pesquisa além de conhecer a história da dança de salão em Campina Grande - PB, buscou ao mesmo tempo divulgar o conhecimento artístico-cultural dessa cidade, resgatando assim, a identidade e o valor cultural, a vivência com a dança e pessoas e instituições importantes nesse processo histórico.

Nesse sentido, o estudo tornou-se relevante ainda dada a possibilidade de contribuir para a produção do conhecimento em dança, cujo impacto ao tornar-se acervo bibliográfico, de caráter histórico, para os componentes curriculares das Escolas. A Educação Física, bem como, as Artes que tratam a dança no espaço escolar, pode utilizar-se deste estudo como conteúdo desencadeador do conhecimento da dança, uma vez que, discutir esse conhecimento a partir da história e cultura locais.

Tendo como base os estudos do corpo produzidos pelo Grupo de Pesquisa e Extensão ‘Corpo, Educação e Linguagens’ – CEL, os professores, especialmente, têm com esse estudo a

possibilidade de mostrar e discutir a dança numa relação entre a história geral e a história local da dança de salão em Campina Grande-PB.

Este trabalho revela-se como um recorte de um estudo ampliado tendo o objetivo de identificar nomes relevantes que marcaram a trajetória histórica da dança de salão, em Campina Grande-PB, buscando aproximar a importância dos atores sociais na construção de políticas públicas, bem como, apontar desdobramentos pedagógicos para que o conhecimento da dança de salão seja socializado na escola a partir da valorização de personalidades locais.

METODOLOGIA

A pesquisa foi de natureza qualitativa e caracterizou-se como Pesquisa Documental, uma vez que, buscou documentos de fonte primária e não-escrita, provenientes de escolas e grupos de dança, ex-dançarinos, no município de Campina Grande-PB. Seguindo Haguette (1992), o estudo entende a História oral como técnica de coleta de dados que se baseou no depoimento oral, gravado, obtido por meio de interação entre o pesquisador e o sujeito entrevistado. Segundo Morais (1994): “a fonte oral é uma fonte viva, é uma fonte inacabada, que nunca será exaurida.”(pp. 46-47).

O grupo investigado foi constituído por seis (06) participantes que exerceram e/ou exercem funções de professores de escolas de dança, dançarinos e/ou ex-dançarinos de grupos de dança, coreógrafos e/ou ex-coreógrafos, agentes culturais, que tenham participado e/ou ainda atuem com a dança de salão na cidade de Campina Grande. Foi imprescindível a participação destas pessoas que detinham informações, documentos e experiências relevantes na manifestação da dança. Como fontes de produção de dados foram utilizados os arquivos particulares e as fontes não-escritas pertencentes às escolas e grupos de dança, (ex)coreógrafos, (ex)dançarinos e/ou outras pessoas da comunidade investigada, e como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, gravada, caracterizada pelo registro oral, na qual estabeleceu previamente algumas indagações sobre a temática abordada, porém no decorrer da entrevista, permitiu ao pesquisador elaborar outras indagações (inclusive de esclarecimentos) a partir de alguma informação dada pelo entrevistado, sendo assim outras questões sobre a dança surgiram no ato da entrevista.

A coleta de dados teve início com um levantamento junto aos coordenadores das escolas de dança de Campina Grande para reconhecimento dos registros da dança nessas instituições. Em seguida, a partir de um conhecimento prévio de pessoas reconhecidas no cenário local foi estabelecido um contato inicial com elas para o agendamento da entrevista. Foram estabelecidas estratégias que melhor viabilizaram esse procedimento como, mapear pessoas, escolas e grupos de dança precursores. Identificados os participantes iniciais, outros foram mencionados durante as entrevistas realizadas pela pesquisa, buscou-se então a sua autorização para utilizar e divulgar os documentos e relatos como dados da pesquisa, como também o consentimento do(s) mesmo(s) para obter uma cópia dos arquivos particulares e as fontes não-escritas. Nesse tocante, o estudo registrou a dificuldade para realizar pesquisa desta natureza considerando o acesso de documentos particulares e institucionais referentes à dança.

A entrevista semiestruturada foi registrada das seguintes formas: por e-mail e com o auxílio de aplicativos de gravação de voz em dois (02) aparelhos celulares. Foi realizada, prevalecendo o dia e o horário convenientes ao entrevistado.

O método de análise de conteúdo, fundamentado em Bardin (2007), subsidiou a análise e interpretação dos dados, considerando a seguinte organização: 1º – a pré-análise, foi caracterizada pela leitura preliminar, chamada de flutuante, dos discursos dos participantes da pesquisa, bem como, dos documentos recolhidos e autorizados para reprodução; 2º – a exploração do material, que consistiu na busca de unidades de sentido para as categorias previamente estabelecidas: trajetória da dança, nomes e momentos importantes, e também categorias emergentes dos documentos e dos discursos dos sujeitos (obtidos na entrevista e fotografias). 3º – o tratamento dos resultados obtidos e interpretação; que se configurou no diálogo entre os dados obtidos, os autores que deram o aporte teórico e o olhar interpretativo do pesquisador. A pesquisa foi desenvolvida considerando os aspectos éticos, tendo como base a Resolução n. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde/MS no que se refere à obtenção e trato dos discursos dos sujeitos que participaram da pesquisa, ressaltando o conhecimento sobre a pesquisa, bem como a necessidade de sua autorização para utilizar os documentos e os discursos.

O estudo identificou nomes importantes mencionados pelos entrevistados (por ordem alfabética): Euclides Alves, Gisele Sampaio, Mauro Araújo, Nyvea Soares, Rodrigo Araújo, dentre outros. Certamente o estudo possui o limite de não ter identificado todas as pessoas que fizeram e fazem parte da história da dança de salão em Campina Grande. Entende-se que outros nomes surgiram e atualmente vão construindo sua história na dança não somente no campo de ensino na prática do lazer, mas também na dimensão de produção artística.

EUCLIDES ALVES

Foi citado por Mauro Araújo, Jefferson Xavier, Gisele Sampaio, Rodrigo Araújo e Daniel Araújo como um dos pioneiros da dança de salão em Campina Grande. Graduado em Educação Física - UEPB e Especialista em "Metodologia do ensino da dança na escola" pela Universidade Federal da Paraíba, em 2009. O início da sua experiência com a dança se deu aos 12 anos de idade, começando pelas danças populares. Natural de bananeiras, ao chegar à cidade sentiu uma necessidade de um espaço que fosse bom para as pessoas dançarem, e como ele já praticava sentiu o desejo de poder passar um pouco de seu conhecimento para as pessoas. Ao chegar em Campina Grande, em 1979 ouviu falar na velha guarda da dança de salão de Campina Grande, nomes como Zito Napi e Zé do Bode foram citados por ele.

Fundador da Escola de dança La Barca, recebeu o apoio da proprietária Mariana Mota, mas aquele tempo segundo seus relatos ninguém falava com ele, participava de grupos folclóricos, mas se sentia um estranho no ninho, foi então que conheceu o Zito Napi, o dançarino de tango de Campina Grande que visitou e estimulou a criação.

Sua atuação na dança de salão é de 40 anos. Nessa trajetória passou por escolas, clubes, prefeituras, sem falar nas diversas apresentações que realizou. Começou a dançar no parque do povo por meio de Hilton Mota e Hilton Mota Filho que fazem parte da Rádio Campina Grande FM, que ao encontrarem dançando do Parque do Povo, imediatamente o contratou para representar a rádio em todos os shows em Campina Grande, e dentro desses eventos dançou nos shows de Luiz Gonzaga, Nando Cordel, Zé Orlando, Beto Douglas, Fafá de Belém e Jorge Altinho.

GISELE SAMPAIO

Formada em jornalismo desde 1992, possui 30 anos de experiência com a dança de salão. Durante 20 anos atuou como professora e bailarina de dança de salão no Centro Cultural Lourdes Ramalho e diversos centros de dança de Campina Grande. Iniciou seus estudos na dança como aluna no Centro Cultural Lourdes Ramalho, foi monitora da professora Viviane, e logo em seguida foi convidada para assumir as turmas. Segundo a mesma, nessa época ela já fazia aulas de balé clássico e participava do Grupo de Dança Tropeiros da Borborema, sendo ela uma das fundadoras deste grupo.

Começou sua capacitação e prática da dança de salão através da sua especialização no curso de Jornalismo. Gisele desenvolveu sua Dissertação de Mestrado sobre “A dança como instrumento do corpo e da comunicação”, fazendo assim a sua busca por profissionalização inicialmente passando pela linha de dança popular sendo a dança de salão toda a base, por meio de cursos, workshops, participando de fóruns, congressos, seminários, festivais em todo o País, de 1990 a 2000. Atualmente não atua mais como professora de dança, mas continua sendo praticante e apaixonada pela dança de salão.

MAURO ARAUJO

Coreógrafo e bailarino Mauro Araújo é um dos nomes importantes no cenário da dança de salão da cidade pelos seus trabalhos como bailarino, coreógrafo e professor de dança de salão e dança popular. Com atuação na área há 30 anos, seu despertar para dança se deu aos 5 anos de idade através de festas familiares, onde observava as pessoas dançando. Os primeiros estilos de dança que teve contato foi o Bolero, Soltinho, Forró.

Trabalhou com a dança popular e dança de salão, foi um dos fundadores do Grupo de Danças Populares *Tropeiros da Borborema*. Atuou como coreógrafo e bailarino da cantora Elba Ramalho, participou da Companhia de Dança Carlinhos de Jesus, foi dançarino da Banda Magníficos, Mastruz com Leite, Banda Capilé e artistas como Cordel, Marinês, Biliu de Campina. Atuou também como bailarino do grupo Acauã da Serra onde passou 10 anos, foi professor da escola de dança La Barca ministrando aulas de dança de salão durante 10 anos. Atualmente é diretor e coreógrafo da Companhia Livre de Dança, Grupo de Dança Popular e Dança de Salão há 11 anos.

NYVIA SOARES

Citada por Gisele Sampaio e Mauro Araújo, Nyvia Soares também fez parte do início da dança de salão em Campina Grande. Nyvia é dançarina desde os quatro anos de idade passou pelos mestres da dança de salão e popular como Mauro Araújo, Carlinhos de Jesus, Jaime Arôxa, Antônio Nóbrega, Luiz Rodrigues, Rogério, Feijão, etc. Dançarina e coreógrafa (não ativa), participou do Grupo de Tradições Populares Acauã da Serra (1996 a 2011). Hoje, diretora do Balé Popular de Campina Grande e ativista cultural. Trabalha atualmente com shows de artistas renomado, ex: Alcione, Guilherme Arantes, Léo Magalhaes, Benito de Paula e Três do Nordeste. Políticas culturais projetadas e realizadas por ela: Gemmelaggo, Palagianelha (Cidade italiana).

RODRIGO ARAÚJO

Citado por Gisele Sampaio, e Jefferson Xavier como nome importante na história da dança de Campina Grande, Rodrigo Araújo é fisioterapeuta, dançarino, coreógrafo e diretor do Grupo de Dança Terra Brasilles (Grupo de Dança Contemporânea). Já participou de cursos de dança de salão com Carlinhos de Jesus e Jaime Arôxa, iniciou sua prática na dança de salão no ano de 1994, e em 1996 deu sua primeira aula de dança de salão junto a Gisele Sampaio.

Em 2000 ministrou aulas no Estelita Cruz, aulas para espetáculo, para ele este era um trabalho diferenciado, uma dança de salão para espetáculo onde misturavam com outros estilos como a dança folclórica, e não necessariamente de casal. Nessa mesma época também foi integrante do Grupo de Dança Tropeiros da Borborema, montou sua companhia Terra Brasilles, onde o grupo começou com a dialogar com a dança de salão, dança contemporânea e outros estilos. Foi um dos fundadores do Fórum de dança de Campina Grande e um dos idealizadores do Festival de Dança do Fórum. Seu último trabalho como professor, em 2014, foi no Studio de Dança Fernanda Barreto.

Cada nome citado nesse estudo e sua experiência na dança de salão precisam tornar-se voz, atores sociais na elaboração e desenvolvimento das políticas públicas para o campo da dança na cidade de Campina Grande, no estado da Paraíba. Como aborda Pinto (2008), no sentido de a gestão pública inserir e operacionalizar planos de ação construídos coletivamente, sendo eles frutos de debates e negociações de interesses junto a população diretamente interessada. A autora destaca que esse é um desafio para a gestão pública brasileira que instiga mudanças efetivas. Esse desafio traz também implicações no sentido de “novas formas de pensar e articular os segmentos sociais/setores, reunindo elementos de mudança em relação a experiências passadas” (p.46).

A participação popular precisa ser intensificada, torne-se mais presente quando convidada e convocada a participar. Ao mesmo tempo, o estudo aponta a necessidade destes nomes citados unirem-se em prol de um planejamento coletivo que promova a democratização e o acesso à dança de salão nas escolas da educação básica, de forma a ampliar sua vivência, ainda predominante em escolas/estúdios especializados em dança de salão.

Os registros históricos são extremamente importantes por diversos motivos, a valorização da memória de uma instituição é uma delas, assim como valorização da sociedade, cultura, dentre a preservação de acontecimentos e fatos relevantes para a compreensão do mundo em que vivemos e para o desenvolvimento do mundo. Sendo a partir do conhecimento que se produz outros conhecimentos possibilitando que a história se preserve, seja repassada de geração em geração e não se acabe.

As estratégias de circulação e de permanência de informação permitem que muitas ideias e conhecimentos possam ser disseminados pelo mundo afora possibilitando a interação com vários ambientes de uma localidade, assim como, atingindo certos espaços mais globais (SILVA, 2012). De acordo com o autor, os registros históricos podem “ser inseridos na memória da Dança brasileira, e/ou mundial, para que os pesquisadores da área ou um interessado por esta expressão artística possam compreender um pouco mais sobre as diversas trajetórias as quais a dança pôde caminhar no país” (p.21).

Como afirma o mesmo, para alguns estudiosos da dança, a história das práticas de Danças no Brasil parece ter ficado no esquecimento histórico e que grande parte da história dos eventos de Dança ainda precisa ser escrita. Tornando a pesquisa relevante por essas possíveis contribuições na construção e produção de conhecimento sobre as memórias da dança em Campina Grande, sendo especialmente neste estudo as memórias da dança de salão.

Existem em torno de oito (08) instituições de ensino da dança que tratam a dança de salão em Campina Grande. Percebe-se que na cidade um movimento para manter as manifestações artísticas da dança seja por meio de festivais, eventos, espetáculos e concursos de dança, como o concurso Dom dança da TV Itararé, o Festival de inverno de Campina Grande, os espetáculos realizados pelos estúdios e grupos de dança no Teatro Municipal, os eventos como os bailes dançantes das escolas, dentre outros. Tais contextos nos fazem refletir sobre a necessidade de uma discussão sobre as questões que envolvem a formação de plateia, ensino e políticas públicas voltadas para cultura, na cidade e no estado da Paraíba. É perceptível a oferta de aulas de dança na cidade através do surgimento de escolas e estúdios de dança, a presença da dança em programas como o 'Mais Educação', as denominadas Escolinhas de dança no ensino regular, principalmente as escolas particulares', os grupos de dança que surgem nas escolas, bem como, os programas e projetos de extensão da UEPB que propiciam a vivência da dança sob diferentes perspectivas e público. Para Siqueira (2006), a dança é um texto cultural que reflete as condições, elementos e experiências culturais, tecnológicos e temáticos da sociedade. Esta irá realizar-se quando incorporada e tornada identidade.

Nesse sentido, a cultura pode ser compreendida como um conjunto de representações compartilhadas por pessoas formando o contexto em que os indivíduos estão inseridos, percebendo então que o tempo, espaço de aprendizado e produção de cultura são também tempo e espaço de lazer e de cultura. É necessário tornar acessível os espetáculos de dança de salão promovidos pelas escolas de dança a população que não tem condições econômicas, firmar parcerias com entidades públicas e privadas são caminhos viáveis para fomentar a educação para a cultura, para o lazer, através da formação de plateia para a dança.

O estudo aponta alguns norteadores pedagógicos para que o conhecimento da dança de salão seja socializado na escola a partir da valorização de personalidades locais: 1. apresentar os principais nomes da dança de salão nas aulas de Educação Física, Artes, História nas escolas, através de estratégias de pesquisa de reportagens, fotografias, vídeos e espetáculos já realizados; 2. as escolas de educação básica tematizar os nomes citados, como o de Euclides Alves, com mais de 40 anos na dança de salão; 3. convidá-los a participar de uma roda de conversa com os alunos da escola para falar da sua trajetória na dança e das produções artísticas já realizadas; 4. fazer os alunos compreenderem que existe uma história da dança de salão na cidade de Campina Grande, com pessoas e grupos de dança com histórias particulares que podem refletir o cenário da dança no estado da Paraíba. Torna-se imprescindível que os alunos nas escolas sejam educados para o lazer, para a cultura, despertem e se apropriem da sua história local, nomes que escreveram parte desta história da dança.

CONCLUSÕES

Os nomes revelados pelo estudo passam a ser conteúdo de ensino da dança nos componentes curriculares como Educação Física, Artes e/ou História. A dança de salão como um conteúdo da dança não pode ficar associada apenas a questões de divertimento como acontece, na maioria, das escolas de dança na cidade, pois a dança intervém na construção do indivíduo ao movimentar-se com o outro.

A escola (educação básica e as especializadas) possui a função também da formação cultural de seus alunos, por isso, as escolas precisam tornar-se o lugar que forma e transforma plateia para a

dança, através de ações planejadas e operacionalizadas que dêem outros horizontes de sentido para o conhecimento da dança que não seja somente as apresentações em datas comemorativas e seus espetáculos de fim de ano. Os conhecimentos da história da dança de salão, os nomes, os acontecimentos, os espetáculos, as primeiras entidades a oferta-la, precisam estar inseridos numa proposta de educação que valorize e incentive a formação cultural. Desta forma, os nomes identificados por este estudo revelam diferentes tempos e espaços da trajetória da dança de salão em Campina Grande, cada um deles exalta uma de suas dimensões seja no campo do ensino, da profissionalização, do artístico, etc.

Os momentos da história de vida destes nomes fazem parte da memória da dança de salão no estado da Paraíba que precisam ser reconhecidos, pois de alguma forma, se foram lembrados, é porque contribuíram e/ou ainda contribuem para o cenário desta linguagem no cenário da cultura local. Nesse sentido, a memória da dança de salão deve fazer parte do processo educativo, de apropriação do conhecimento na educação básica, especialmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Portugal: Edições 70, 2002.

COSTA, E. M. de B.. *O corpo e seus textos: o estético, o político e pedagógico na dança*. (Tese de doutorado em Educação Física. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: São Paulo, 2004).

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1992.

MAIA, Maria Aparecida Coimbra e PEREIRA, Vanildo Rodrigues. *Dança de Salão – Uma alternativa para o desenvolvimento motor no ensino fundamental*, 2014.

MORAIS, M. de. *História oral*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

PINTO, L.M.S. Estado e sociedade na construção de inovações nas políticas sociais de lazer no Brasil. In: MARCELLINO, N.C. (Org.) *Políticas públicas de lazer*. Campinas, SP: Alínea, 2008.

SIQUEIRA, Denise Da Costa Oliveira – *Corpo, comunicação e cultura: a dança contemporânea em cena* – Editora Autores Associados LTDA.

SOUSA, Nilza coqueiro Pires de Sousa e CARAMASCHI, Sandro. *Contato corporal entre adolescentes através da dança de salão na escola*. Unicamp, 2011.

GOMES, Jussara Vieira. *Um pouco sobre a história da dança de salão no Brasil*. Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos* – Ed. Contexto – São Paulo, 2012.

GALLAHUE, David L e DONNELLY, Frances Cleand. *Educação Física desenvolvimentista para todas as crianças*, 2008.